

UMA RAPARIGA
ENTRA NUM BAR

HELENA S. PAIGE

UMA RAPARIGA
ENTRA NUM BAR

Tradução de
CATARINA FERREIRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

UMA RAPARIGA ENTRA NUM BAR

Todas as mulheres sabem que não podem ter grandes esperanças num único par de cuecas. Se quer ficar podre de *sexy*, vai ter de sacrificar o seu conforto acima de tudo. E se é puro conforto aquilo que procura, é muito pouco provável que venha a usar algo particularmente bonito ou glamoroso. Se está a precisar de sustentação, então uma cinta será a sua melhor amiga, contudo não vai conseguir respirar com muita facilidade.

Deixe a sua toalha cair ao chão e debruce-se nua sobre a gaveta de roupa interior para considerar as suas opções. Há semanas que você e a sua amiga Melissa andam a ameaçar virar a cidade do avesso, e há sérias hipóteses de esta vir a ser uma noite em grande. Há aquele fio dental ridiculamente caro de renda púrpura, com uma fita de seda de ambos os lados. Os seus dedos percorrem as fitas sedosas e sente uma pontinha de nostalgia, há séculos que não usa roupa interior sensual.

Mesmo ao lado, estão as suas cuecas favoritas e mais confortáveis. O elástico já não está tão justo como antigamente e estão ligeiramente desbotadas de tantas lavagens, mas é mais ou menos por isso que gosta delas.

Instintivamente, contrai a barriga ao estender a mão para a cueca cinta. Fazem-na sentir como se estivesse comprimida dentro de uma salsicha, mas pelo menos fica com um ventre liso. Mas se tiver sorte

hoje à noite? Vai precisar de um abre-latas para as tirar, o que não é nada *sexy*. Talvez deva ir em modo comando, pensa você. Sorri ao de leve com o pensamento. Nunca o fez antes. Não seria incrivelmente sensual ser a única pessoa a saber que não está a usar nada de baixo do vestido?

*Se escolher o fio dental de renda púrpura, vá para a **página 3.***

*Se escolher as cuecas confortáveis, vá para a **página 4.***

*Se escolher a cueca cinta, vá para a **página 5.***

*Se escolher o modo comando, vá para a **página 6.***

Página 3 [*Escolheu o fio dental de renda púrpura*]

Dá os retoques finais na maquilhagem ao espelho, depois recua para apreciar o seu reflexo. Trabalhou com tanta excitação, há séculos que não se arranjava assim, e já se tinha esquecido do quanto podia ser divertido. O vestido preto curto e decotado revela as suas curvas, e estes são os seus saltos altos preferidos, fica com uns gémeos e uma altura de deusa. Sente-se satisfeita com o que vê: o fio dental púrpura foi em absoluto a escolha certa. Quem sabe, hoje pode ser a noite em que acabará o seu período de seca. Pode ser que tenha sorte. Se for uma sortuda.

Vá para a página 7.

Página 4 [Escolheu as cuecas confortáveis]

Olha-se ao espelho. É um bom conjunto, o vestido preto curto com os sapatos de salto alto. Sente-se muito sensual hoje à noite, o que não acontecia há séculos. Vira-se para verificar as costas do vestido e observa a linha das suas cuecas à avozinha a marcar o tecido suave do vestido. Nem pensar, não vai dar. Despe as cuecas à avozinha e por breves instantes considera ir em modo comando...

*Se escolher ir em modo comando, vá para a **página 6.***

... Mas não consegue. É um pouco arejado demais para o seu gosto. Por isso, abre a gaveta novamente e agarra no fio dental de renda púrpura. Trepas para dentro delas, com cuidado para as cuecas não se prenderem nos saltos altos.

*Vá para a **página 3.***

Tem de se deitar sobre a cama para conseguir enfiar a cueca cinta. Mas quem é que as inventou? Claramente um sádico que não gosta muito de mulheres. E, afinal, são feitas de quê, do mesmo tecido que as naves espaciais? Respira fundo novamente, sustém a respiração e puxa-as pelas coxas acima.

Precisamente no momento em que sente que vai desmaiar por falta de oxigénio, consegue que cheguem à cintura. Ao mesmo tempo que limpa uma gota de suor da testa, luta para se levantar e olha-se ao espelho. Na parte de cima, o seu estômago está liso, mas de uma forma pouco natural, está quase côncavo. Na parte de baixo, sente-se um pouco tonta, poderá ter partido uma costela e provavelmente não se conseguirá sentar a noite toda.

Quem é que disse que para ser bonita é preciso sofrer? Alguém tem de dar o braço a torcer. Agarra numa tesoura e corta aquela camisa de forças de licra, respirando de alívio.

De seguida, agarra no fio dental de renda púrpura e enfia-o pernas acima. Depois daquela licra de força industrial, a renda parece uma pena. Sustém a respiração enquanto se olha ao espelho e obtém o mesmo efeito que aquela cueca sádica, com a vantagem de que esta não lhe corta a circulação. Só vou ter de me lembrar de contrair a barriga sempre que alguém olhar para mim, pensa você, enquanto pega na mala.

Vá para a página 3.

Página 6 [Escolheu ir em modo comando]

Dirige-se à cozinha para se servir de um pouco de vinho. É estranho não usar cuecas. A fricção das suas coxas uma contra a outra enquanto caminha é boa. De facto, cada movimento é um pouco excitante. Nunca esteve tão consciente das suas partes íntimas. Então é assim que deve ser para eles, pensa você, a cada movimento seu, a sua sexualidade lembra-a de que está lá.

Leva o copo consigo de volta ao quarto. Aquele pequeno percurso faz com que o seu sangue lhe percorra o corpo. É demais, pensa você. A este ritmo não vai conseguir chegar ao bar. Decide que precisa de algo entre o corpo e o vestido se pretende olhar alguém nos olhos hoje à noite sem corar violentamente. Agarra no fio dental púrpura minúsculo, é a melhor opção que se segue a ir nua.

Vá para a página 3.

Tem de pestanejar algumas vezes à medida que a sua visão se ajusta à luz difusa dentro do bar. A música de fundo é subtil, contudo consegue sentir o bater rítmico no seu peito, assim como aquele frémito de expectativa. Tem estado tão concentrada no trabalho que já há algum tempo que não saía para se divertir até às tantas. E hoje faz tenção de se divertir.

Nunca tinha estado ali; aquele local na moda e de celebridades foi ideia da sua melhor amiga Melissa, e você olha atentamente em volta à espera de a encontrar. Um balcão de mogno comprido alonga-se de um dos lados do espaço e grupos de pessoas vestidas de forma elegante riem-se e reclinam-se nos compartimentos e nas mesas. Há uma área mais recuada e delimitada por uma corda, com um segurança do tamanho de Conan, *o Bárbaro*, plantado à entrada. Deve ser a área VIP. Não há qualquer hipótese de entrar ali, pensa você.

Varre o bar com o olhar, mas não há sinais de Melissa, por isso verifica as mesas. Não consegue deixar de reparar num homem atraente sentado num dos compartimentos ao canto. Está profundamente concentrado na conversa com outro tipo, contudo há qualquer coisa nele que chama a sua atenção. É claramente um pouco mais velho do que você, mas fica-lhe bem, à maneira de George Clooney. Ele ergue o olhar e apercebe-se de que o observa, como se tivesse sentido a sua atenção. O olhar fixo dele é intenso. Você cora e dá uma olhadela ao relógio, tanto para ver as horas como para ter uma desculpa para desviar o olhar. São oito e meia, você chegou a horas. Mas que raio, onde está Melissa?

Dá outra olhadela cuidadosa ao espaço, depois abre caminho na direção do bar e empoleira-se num banco, de costas para o Sr. Intenso. Estremece, quase consegue sentir a pressão do olhar dele nas suas costas.

— Olá, o que posso servir-lhe? — pergunta o empregado do bar.

Você ergue o olhar, apanhada de surpresa por ele ser tão atraente, embora pareça ainda não ter idade suficiente para servir álcool.

A pele dele é perfeita, o seu tom realçado pelo cabelo e olhos castanho-escuros. Veste uma camisa totalmente branca e calças de ganga, e sorri docemente, embora um pouco hesitante, enquanto recolhe uma lata vazia do balcão ao seu lado. Em seguida, num movimento suave, vira-se e lança-a para o caixote do lixo, acertando à primeira. As mangas brancas de algodão estão arregaçadas, revelando os seus braços com músculos bem definidos. Não consegue deixar de tentar adivinhar a idade que terá — vinte e um, vinte e dois é o seu palpíte. Hum. Poderia ensinar-lhe uma coisa ou outra.

Você não sabe o que pedir. Afinal este é um local de celebrações. Champanhe? Um *cocktail*? Um martíni? Depois lembra-se de uma cena de um filme.

— Um copo de *prosecco*, por favor — pede, esperando ter pronunciado o nome corretamente.

O empregado do bar afasta o cabelo dos olhos e sorri-lhe novamente de forma doce e um pouco tímida. O chão desaparece debaixo dos seus pés pela segunda vez.

— Está já a sair. — E ele levanta o braço para alcançar um copo de champanhe. A camisa dele ergue-se e você consegue ter uma visão perfeita do seu ventre suave e musculado. Uma linha escura de pelos percorre a zona inferior do seu abdómen, desde o umbigo até ao botão das calças de ganga. Não consegue evitar, fica com água na boca. Onde está Melissa? Ela precisa de ver isto. Este bar foi uma ótima escolha, dir-lhe-á. Cruza as pernas e aperta-as uma de encontro à outra.

O seu telemóvel vibra nas suas mãos, sobressaltando-a. É uma mensagem de Melissa:

Estou presa no trabalho, o Patrão Demoníaco deu-me um prazo horrroso. Desculpa! Estou furiosa por não conseguir ir. ☹️ Diver-te-te por mim! 😊

O seu coração cai ao chão. E agora? Você guarda o telemóvel, desapontada, toda arranjada e sem nenhum sítio para onde ir. Se ao menos ela a tivesse avisado mais cedo. Quando é que Melissa vai aprender a dizer não ao idiota controlador do chefe dela?

Já nem sabe se lhe apetece uma bebida ou não, contudo, o empregado atraente já está a abrir com perícia uma garrafa de vinho espumante. Ele serve um copo, segurando-o inclinado, e depois coloca-o à sua frente com outro sorriso tímido, e você anima-se um pouco. Pergunta-se o que sentiria se percorresse com o polegar a linha dos lábios dele, que são sensuais e tentadores. Retribui o sorriso e pega na mala para pagar.

— Não, não é necessário — diz ele.

Será que se está a fazer a si? Está prestes a agradecer-lhe no momento em que ele aponta para o fundo do bar, com um ar contrito no rosto.

— É oferta daquele tipo ali.

Você examina o seu admirador. A camisa espalhafatosa está aberta até à barriga e tem mais cabelos no peito do que na cabeça. Uma corrente de ouro grossa aninha-se naquele bosque cerrado precisamente acima do abdómen saliente. Ele balança o palito na boca, levanta-se e abre caminho até si de forma pomposa. Se não o olhar diretamente nos olhos, talvez este *cliché* andante perceba a mensagem... Não tem essa sorte.

— Olá, querida — diz ele, mudando o palito de um lado para o outro com a língua. — Este lugar está ocupado?

E deixa-se cair, sentando-se ao seu lado antes de ter qualquer hipótese de responder.

— Sou o Stanley Glenn — diz ele, como se estivesse à espera que reconhecesse o nome. Um perdigoto salta da boca dele e um bafo a alho chega até si. Você inclina-se para trás, mas não há fuga possível.

— Desculpe-me, mas é melhor deitá-lo para fora do que ficar lá dentro, certo? É o que eu digo sempre. — Ele une as mãos, junta os indicadores e dispara-os para si com um piscar de olhos e um duplo clique da boca.

O seu primeiro instinto é dizer-lhe que leve a sua peruca de peito a passear, mas isso seria rude e não quer fazer uma cena. Contudo, remexe-se no lugar, caso precise de o pontapear nas partes baixas se

se aproximar demasiado com aquele hálito letal. Está prestes a recusar educadamente a bebida quando sente uma mão sobre o seu ombro. Sobressaltada, vira-se para dar de caras com um homem em pé precisamente atrás de si. Reconhece-o imediatamente: é o tipo que olhou para si quando chegou ao bar.

— Olá, querida, desculpa o atraso — diz ele, inclinando-se e beijando-a na face. Você respira fundo com aquela proximidade inesperada. Cheira a cedro e a couro e, assim tão próximo, consegue ver as têmporas grisalhas e sensuais e as linhas do sorriso no canto dos olhos dele.

Deixando um braço pousado casualmente nos seus ombros, ele estende a outra mão para Stanley.

— Muito obrigado por lhe ter feito companhia. Cheguei um pouco atrasado. Coisas de negócios, você sabe como é.

Consciente de que está a aproveitar-se vergonhosamente da situação, você recosta-se mais um pouco de encontro ao braço do seu salvador. O Peruca de Peito murmura qualquer coisa e levanta-se. Enquanto apertam as mãos, você apercebe-se de que Stanley retrocede. O palito desaparece, e você pergunta-se se o terá engolido. A cara dele fica vermelha, e o Peruca de Peito desaparece de vista.

— Olá, sou o Miles — diz a sua nova companhia, levantando o braço do seu ombro.

— Fico-lhe grata — diz, ainda com a pele arrepiada no sítio onde ele a tocou.

— Espero que não tenha sido muito presunçoso da minha parte?

— Eu teria dado conta da situação, mas muito obrigada pela ajuda. — Você sorri.

— Não tenho dúvidas de que o teria despachado com um simples olhar caso assim o desejasse — diz ele. — Mas eu precisava de uma desculpa para me aproximar e me apresentar.

Isto parece promissor, e estava prestes a oferecer-lhe uma bebida quando ele diz:

— Foi um prazer conhecê-la, mas tenho de voltar para junto do meu colega, estamos mesmo a finalizar um assunto.

— Ah, sim, certamente. — Você não quer que ele vá, mas não sabe como lhe pedir para ficar. — Novamente, muito obrigada.

— Foi um prazer. — Ele olha fixamente para si durante uns segundos antes de voltar costas e regressar à mesa. Você observa-o a afastar-se. Veste umas calças extremamente bonitas e uma camisa com riscas azul-claras, aberta no colarinho. Elegante e claramente nada barato. Ele vira-se, apanha-a a observá-lo e levanta uma mão num aceno. Você retribui com um sorriso e depois volta-se para um grande golo borbulhante, a sua boca está seca.

— Outro? — pergunta o jovem empregado do bar assim que você esvazia o copo. As bolhinhas são deliciosas, contudo tem sede, por isso pede uma *Perrier*.

— *Prosecco, Perrier*, está com um humor mediterrânico — diz o empregado, surpreendendo-a.

Aquela não era uma conversa normal de bar e você observa-o mais cuidadosamente. Mesmo sob aquela luz difusa e artificial, a pele dele brilha.

— Então, o que é que faz um tipo simpático como você num sítio destes? — diz você, sentindo que se está a fazer um pouco a ele, culpando as bolhinhas de gás.

— A dividir um turno com o meu primo, ele costuma ser o empregado habitual. O dinheiro ajuda, os livros são caros.

— Oh, é estudante?

— Sim, e por favor não me pergunte o que estou a estudar...

— Bem, eu não ia perguntar, mas agora fiquei curiosa.

Ele parece um pouco envergonhado.

— Filosofia e religião. Principalmente religiões orientais.

— A sério? Não consigo imaginar um curso que ofereça tantas oportunidades de carreira.

Ele fica sério por um instante.

— Ficaria surpreendida. Gostaria de trabalhar em prol da paz internacional se possível, talvez nas Nações Unidas. Viajar pelo mundo, está a ver.

Cada vez mais e mais interessante. A cara de um anjo, o corpo de um pecador e um cérebro também? Além disso, desejava mesmo a paz mundial.

Sorri-lhe lenta e promissora. Poderia ser como roubar um bebê do berço, contudo sente-se tentada a prosseguir um pouco mais. Mas primeiro talvez fosse melhor ir à casa de banho. Se vai fazer-se a alguém de vinte e poucos e seriamente atraente, será melhor retocar a maquilhagem.

A casa de banho das senhoras é um oásis de tranquilidade e luz suave. Há apenas mais uma pessoa ali consigo, e ela está ocupada ao espelho a maquilhar-se.

Facilmente diria que é uma das mulheres mais surpreendentes que já viu. Tem o cabelo brilhante apanhado em madeixas soltas no cima da cabeça com uma travessa cor de coral. As suas sobrancelhas quase se tocam no meio e tem um sinal na parte inferior de uma das maçãs do rosto. A saia comprida é drapeada nas ancas, o tecido é revestido com pedras que refletem a luz. *Vintage* de certeza, talvez mesmo Valentino. Ela ergue o olhar e avalia a sua imagem no espelho, depois sorri, como se gostasse do que vê. Não consegue deixar de reparar nos seios dela sob o *top* rendado justo: ou ela é intocada pela gravidade ou está a usar o sutiã mais caro alguma vez elaborado para o sexo feminino.

Na luminosidade do olhar calmo dela, você sente-se um pouco desmazelada no seu vestidinho preto, tal como um pombo encurrulado no recinto de um pavão.

— Desculpe, estou a ocupar o espelho — diz ela. A voz dela tem uma tonalidade gutural ou será um vislumbre de um sotaque?

— Não, não há problema, vou primeiro à casa de banho — diz você, sentindo-se constrangida face à sua elegância e autodomínio. Ela sorri-lhe novamente e você enfia-se num cubículo, com o coração acelerado. Não consegue tirar aquele sinal da cabeça.

Quando termina, lava as mãos e junta-se a ela ao espelho para retocar a maquilhagem. O seu *eyeliner* esborratou e também precisa de mais batom.

— Adoro o seu cabelo — diz ela, enquanto você procura uma escova na mala.

— Obrigada — diz você, levando uma mão à cabeça conscientemente. — É engraçado, eu daria tudo para ter um cabelo como o seu.

— Não é sempre assim? — diz ela. — Todas queremos o que não podemos ter.

E ela olha-a nos olhos por um momento demasiado longo, e você sente-se chocada por se imaginar momentaneamente a passar a língua sobre aquele sinal. Mas de onde surgiu aquilo?

— Espere, tem um pouco... aqui, permita-me — diz ela, e, virando-se para si, segura no seu queixo com uma mão firme e usa um lenço de papel para limpar a linha do *eyeliner* esborratada sob os seus olhos. A cara dela está tão perto da sua que você mal consegue respirar, contudo está hiperconsciente do seu cheiro, uma mistura exótica de especiarias.

Em seguida, ela procura na bolsa de maquiagem o *eyeliner* e uma daquelas paletas de sombras. Segura-os à sua frente.

— Não se importa, pois não? Podia fechar os olhos?

Sem ter a certeza do que ela lhe está a pedir, você obedece e estremece um pouco à medida que ela faz o traço de *eyeliner* ao longo dos cantos das suas pálpebras, depois usa o dedo para dar o toque final. Repetindo o processo em seguida, desta vez com com uma sombra de um tom azul-acinzentado e um *highlighter* para fazer contraste, esbatendo delicadamente o pó fino desde as pálpebras até à arcada da sobrancelha. O toque dela na sua pele é incrivelmente suave, e você começa a sentir-se ligeiramente nas nuvens.

Sente-se atingida por uma pontada de pesar quando ela se afasta.

— Já está — diz ela. — Estás um espanto, *chica*.

E aponta para o espelho. Você vira-se para ver. Graças às suas novas pálpebras esfumadas, os seus olhos parecem maiores do que têm o direito de ser. Foi um enorme melhoramento nos seus esforços amadores. E pergunta-se se a sua amiga misteriosa seria modelo.

— Parece-me que também poderá gostar disto. Tome. — Ela estende-lhe um braço magro, rodeado de pulseiras prateadas, e fecha os seus dedos sobre um pedaço de papel.

— Foi um prazer conhecê-la. Espero que possa ir — diz ela, enquanto pega na mala e caminha na direção da porta da casa de banho, com as ancas a balançarem com confiança.

— Obrigada por me ter maquilhado os olhos — diz você, um momento já tarde demais.

Assim que ela sai, desdobra o papel que a estranha lhe colocou na mão. É um anúncio de uma exposição de uma galeria perto dali. A imagem de um pormenor de uma cara de mulher em ponto grande, e você apercebe-se de que na verdade é o olhar dela, desafiando-a com aqueles olhos fabulosos. Percorre com os dedos a palavra «Immaculata» no fundo da página. Será o nome dela? O nome de um espetáculo? Será ela a artista?

Faz deslizar o panfleto para dentro da mala e regressa ao bar, contudo não a consegue ver em lado algum, deve ter-se ido embora.

Regressa ao seu banco, um pouco perdida. Sente-se exposta, toda arranjada e sem ninguém com quem conversar. O fabuloso empregado lida com um grupo ruidoso no fundo do bar e o homem intenso que encontrou anteriormente ainda está concentrado na conversa com o colega. Poderia continuar por ali e tomar uma última bebida, ou há sempre a hipótese da exposição... De certeza que, pelo menos, haverá canapés.

*Se decidir ficar, tomar outra bebida e ver o que acontece, vá para a **página 15.**
Se decidir ir ver a exposição à galeria, vá para a **página 40.***

O empregado do bar com cara de anjo dirige-se para si com a *Perrier* que você já esquecera que pedira. Agradece-lhe e escreve uma mensagem para Melissa, dizendo-lhe que ela lhe fica a dever um favor por a deixar na mão.

— Desculpe — diz uma voz profunda. Você ergue os olhos do telefone para um homem maciço como uma árvore. Deve ter pelo menos dois metros de altura e no mínimo metade da largura. Está vestido com um fato preto e tem um pequeno fio ligado a um dispositivo enterrado no seu ouvido.

— Não sei se já reparou, mas os Space Cowboys estão aqui esta noite. — E aponta o polegar por cima do ombro, indicando a área VIP.

— Estão? — diz você, rodando no banco e esticando o pescoço para ver. O grupo deve ter chegado enquanto estava na casa de banho e agora a área VIP está apinhada. Duas empregadas dirigem-se para lá com baldes de gelo com champanhe, e um outro segurança gorila montou guarda do lado de fora das cordas vermelhas, garantindo que apenas as pessoas mais importantes e mais bonitas podem entrar. Consegue vislumbrar Jerry, o vocalista, com duas modelos penduradas nos ombros. Usa as louras como usaria um casaco.

— Sim — diz o guarda-costas —, Charlie pediu-me que a convidasse para a área VIP para beber uma bebida com ele.

— Ele disse isso? — Você fica de boca aberta. Deve ser por causa dos olhos que aquela mulher da casa de banho lhe maquilhou. Se a voltar a ver, deve lembrar-se de lhe agradecer.

— Ele é o baterista, certo? — pergunta você, espreitando para a secção VIP numa tentativa de o conseguir ver. Sim, ali está ele, sentado num sofá de couro ao lado do guitarrista, de cujo nome não se consegue lembrar. Ele olha para si, sorri e levanta a mão.

Você senta-se direita e agarra na *Perrier*, desejando ter pedido algo mais forte.

— Sinto-me lisonjeada — diz. — Mas pode dizer ao Charlie dos Space Cowboys que, se se quiser juntar a mim, bem que pode levantar o rabo e vir aqui para o mundo real das pessoas normais e ser ele mesmo a convidar-me. E não mandar um guarda-costas para fazer o trabalhinho dele. Sem ofensa! — acrescenta você rapidamente para o elefante no bar.

— Não tem importância — diz o homem gigantesco, e parece detetar nele um ligeiro sorriso nos cantos da boca. — Mas você *sabe* quem ele é, certo?

— Ele até pode ser o raio do príncipe William — diz você. — Diga-lhe que, se me quiser, sabe onde me pode encontrar. — Em seguida inclina-se para um dos lados do gigante, olha Charlie novamente nos olhos, sorri-lhe com um sorriso demoniacamente sensual e levanta o copo num brinde.

— Está bem — diz o homem montanha, desta vez com um sorriso franco.

Você vira-se de frente para o bar, com as mãos a tremerem ligeiramente.

A área VIP reflete-se no espelho por detrás do balcão do bar, se virar ligeiramente a cabeça consegue ver o que se está a passar. Observa o segurança a regressar à área VIP e a inclinar-se para sussurrar qualquer coisa ao ouvido de Charlie. De início, ele ergue as sobrance-lhas, depois parece surpreendido, depois olha para si. Você finge estar indiferente, garantido, contudo, que está sentada com a barriga contraída. Charlie inclina-se para trás e começa a rir. Uns segundos depois, levanta-se do sofá de couro e o seu estômago dá uma reviravolta enquanto observa o reflexo dele no espelho a vir da área VIP na direção do bar. Está a vir ao seu encontro, é melhor praticar a sua cara de surpresa.

A maioria das pessoas prefere o vocalista de um grupo, mas há qualquer coisa nos bateristas que a deixa apanhada. Talvez seja porque têm tendência para serem rapazes malcomportados. Charlie tem cabelo bastante comprido que cai numa franja irregular sobre um olho. É alto e magro, tem os braços cobertos de tatuagens. Num, uma simples frase escrita a todo o comprimento. Os cabelos da sua nuca eriçam-se quando se imagina a percorrer as letras com um dedo.

— Olá — diz ele, inclinando-se sobre o bar ao seu lado. Estende a mão. — Prazer em conhecer-te, sou o raio do príncipe William.

Você tinha planeado levar as coisas com descontração, mas não consegue evitar e desata a rir. Aperta-lhe a mão, consciente de que a palma da sua mão está húmida. Os seus dedos são engolidos pelos dele.

— As tuas mãos são enormes! — deixa você escapar, amaldiçoando-se em seguida por ter pensado em voz alta.

— Ah — diz ele, estendendo as mãos e examinando-as cuidadosamente. — Sabes o que costumam dizer de homens com mãos grandes, não sabes?

Você cora violentamente.

— Então, o que é que estás a pensar, rapariga atrevida? Quer dizer que são grandes bateristas!

— Ah, é isso que dizem? — Com um súbito rasgo de coragem, pega-lhe numa das mãos, aninhando-a nas palmas das suas mãos. — A sério, tens as maiores mãos que eu alguma vez vi. Já tentaste os recordes do *Guinness*? E, se esta for a tua linha da vida, vais andar por cá muito e muito tempo — diz-lhe, virando uma delas e traçando a linha gentilmente com um dedo.

— Devias ver os meus pés — diz ele. Em seguida vira-se e inspeciona o bar. — Então, isto é que é a vida entre as pessoas normais?

— Bem-vindo ao mundo real. Não é todos os dias que alguém me aborda em nome de outrem. Fez-me recordar os tempos da escola.

— Tens razão, foi um pouco arrogante da minha parte. Que tal deixares-me oferecer-te uma bebida para te compensar? Embora precise da minha mão para pagar, estás a ver.

Apercebe-se de que ainda aperta a mão dele e larga-a como se fosse carvão em brasa. Sente a cabeça leve e efervescente, tal como o champanhe.

— Seria fantástico, obrigada.

Charlie bate uma espécie de ritmo rápido com as mãos no balcão do bar. O jovem empregado aproxima-se e tenta não vacilar quando se apercebe de quem ele é.

— O que posso servir-lhe?

Charlie olha para si, os seus olhos brilham de malícia.

— Dois *shots* de tequilha. Com laranja e não com limão.

Você está prestes a protestar, dizendo-lhe que está a beber vinho espumante e não tequilha, mas ele levanta-lhe uma sobranceira e de repente você apercebe-se de que está prestes a beber tequilha com o baterista dos Space Cowboys. Facilmente um dos tipos mais sensuais do bar, talvez mesmo até do país, e tem aquelas mãos, aquelas mãos enormes e *sexy*, e quer beber tequilha consigo. Este é um daqueles momentos únicos que acontecem uma vez na vida. Ou pondera o momento e faz qualquer coisa doida, ou não, e possivelmente arrepende-se para a vida.

Deveria fazê-lo?, pergunta a si mesma. Você sabe perfeitamente o efeito que a tequilha tem em si, principalmente depois de vinho espumante, todas as suas inibições voam pela janela. Se for por este caminho, provavelmente não haverá volta atrás.

Só de pensar que se vai divertir com ele, algo bem fundo dentro de si se contrai. Retribui-lhe o sorriso e acena suavemente, tentando parecer controlada, enquanto por dentro explode como um fogo de artifício chinês barato. Pergunta-se o que terá acontecido ao seu Sr. Intenso, aquele tipo mais velho e delicado. Não poderia contrastar mais com Charlie.

Enquanto ainda hesita, o empregado do bar serve os *shots* e equilibra meia rodela de laranja no topo de cada um. Charlie faz o seu deslizar até si e levanta o dele num brinde desafiador.

Se decidir beber tequilha com uma estrela de rock, vá para a página 19.

Se decidir não beber tequilha com uma estrela de rock, vá para a página 34.